

CONCOURS GÉNÉRAL DES LYCÉES

—

SESSION 2020

—

VERSION ET COMPOSITION EN LANGUE PORTUGAISE

(Classes de terminale toutes séries générales et technologiques)

Durée : 5 heures

—

L'usage de tout dictionnaire est interdit

Consignes aux candidats

- Ne pas utiliser d'encre claire
- N'utiliser ni colle, ni agrafe
- Numéroter chaque page en bas à droite (numéro de page / nombre total de pages)
- Sur chaque copie, renseigner l'en-tête + l'identification du concours :

Concours / Examen : CGL

Epreuve : 101

Matière : PORT

Session : 2020

A Cacilda

Pelo talento incansável das mãos calosas do senhor Celestino, nosso vizinho luandense, rejuvenesceu a Cacilda, resgatada piedosamente ao abandono e à ingloria do pó e das intempéries. Era uma carrinha Renault, 4 cilindros, motor de 800 cc, azul, de 1945. Tinha como uma anciã garbosa, porte venerável. Vista de frente, contudo, parecia um mosquito em ponto
5 grande.

Tudo começou com uma espreitadela ao quintal do nosso mago da mecânica.

Imparável, dedicava-se nos tempos livres a ressuscitar da sucata carros moribundos. Sagaz, senhor de uma paciência infinita e abnegação de anjo, afundava-se como um gato dentro dos motores dias seguidos, mergulhado no intrincado da mecânica, tirando peças, limpando-as,
10 substituindo-as. Perdia-se depois sob os carros; retirava as transmissões, abria-as, via quanta vida lhes sobrava. Depois de reparadas, voltava a colocar tudo no seu lugar.

Dessa vez estava lá a Cacilda, quase encostada ao muro, ainda por arranjar. Teias de aranha, fosforescentes, descaíam dos pára-choques. Havia nela uma misantropia quase humana, pelo menos assim pareceu do fundo da minha candura juvenil.

15 O senhor Celestino, braços cruzados, reparando no meu profundo estado atento, perguntou, ar gozão: “Queres comprar?” Naquela altura, devo dizer, para um sorvete eram necessárias algumas economias. Para um carro, mesmo que velharia, era simplesmente inalcançável. Como tentar adquirir um Rolls-Royce com 5 escudos...

Quando tornei a vê-la foi já na rua, ágil, pintada de fresco, a passar na guita. Acelera, dava
20 gozo ver o senhor Celestino levar o pé ao fundo, ouvir o solto, magnífico roncar de bólido do modificado tubo de escape. Mal sabia eu que, algum tempo depois, a teríamos frente à nossa porta, as chaves da sua posse no bolso do meu pai.

Desconheço os pormenores da compra, o preço, como se enfeitiçou o meu pai por ela. Mas lembro-me perfeitamente da viagem inaugural, oh, se me lembro...

25 Foi num sábado de tarde, logo após o almoço. [...] Fomos ao Caxito, pequeno lugar piscatório a poucos quilómetros de Luanda. Íamos nervosos. O condutor, pouco hábil, tinha a mão a derrapar no manípulo das mudanças, nas súbitas manobras de volante. Trespasada por mil sobressaltos, minha mãe ia num estado de alerta constante. Mas lá chegámos, bocas ressequidas, incólumes porém às guinadas e outros percalços, sempre inesperados quando
30 entregues à mercê de motorista tenso e ainda verde. [...]

Foi com a Cacilda que aprendi a conduzir. Muito à socapa, claro. Aventurei-me pela primeira vez na ilha de Luanda, numa noite enlustrada e de apanha ao caranguejo.

Logo após o meu pai estacionar, dei-lhe uma desculpa um tanto desconchavada como pretexto para ficar para trás. Ele hesitou. Mas logo anuiu, condescendente. Além de os outros
35 estarem à espera dele, impacientes, de certo que a imagem dos crustáceos, vermelhos e apetitosos na panela a fumegar demoveram de si qualquer impedimento sobre a minha pessoa.

Sentado ao volante, pretendendo que dormitava mas em guarda, mal a silhueta do meu pai e dos amigos desaparecia na praia pus-me logo, como uma estátua, a certificar-me da posição dos pés na embraiagem, no acelerador e no travão. As batidas cardíacas, audíveis, enunciavam-me as vicissitudes de um pânico muito à beira de se precipitar num inglorioso abismo de nervos desenfreados. Mesmo assim não desisti: liguei o motor, baixei o travão de mão, pressionei a embraiagem com pé a tremer. Por fim engrenei a marcha atrás. Renitente, produziu um crr crr de felino aborrecido. Tudo a postos, pescoço virado para trás, respirei fundo. Quando soltei a embraiagem, a Cacilda deu um salto de potro e guinchou. Nesse momento compreendi que, psicologicamente, me faltava o estofo necessário para levar a cabo a aventura. Mas a carrinha, a uns metros do passeio, não me deixou alternativa excepto voltar ao princípio.

Dessa vez, apanhei melhor o jeito. O salto foi menos brusco e sem paragem abrupta do motor. Dei uma pequena volta ao perímetro do parque, meti-me depois pela estrada fora, arranhei uma segunda com o inevitável crr crr da caixa, contornei a rotunda manobrando o volante com elasticidade de polvo, e voltei ao princípio. A partir daí, senti ter conquistado um pouco do universo proibido dos adultos.

Tempos depois, num sábado de manhã, meti-me no elevador do prédio com um balde de água ensaboada, dois panos e uma esponja. Ia lavar a Cacilda. Como estava muito sol na parte da frente do edifício, levei-a para as traseiras. Limpei-a com o esmero de quem lava mui digna e romanticamente os pés à namorada. Com amor, isto é. Intimamente, a Cacilda era minha. A ternura dava-me esse direito, pronto.

Depois de lavadinha, recuei uns passos para observar o resultado do meu trabalho esmerado. Estava uma beleza. [...] Liguei o motor, recuei, dei uma voltinha no parque. De repente, ao abrandar a velocidade, o chinelo de borracha encravou-se no tapete — lá fui eu pelo jardim fora, a Cacilda, em desgraçados pinchos de cabra. A dois centímetros da parede logrei libertar o chinelo e parar. Uf!

Desde esse dia aprendi que nunca, mas nunca, se deve conduzir um automóvel de chinelos.

[...] Quando a Cacilda foi trocada por um Skoda, pairou sobre mim uma nuvem muito escura. Um vazio. A sua relevância tinha a ver com o entusiasmo de uma idade em que o mundo é um voo de instâncias impolutas, e os dias, na sua mais elementar insignificância, têm o poder de nos elevar por dentro, fazer de nós parte de um universo mágico e apoteótico — como um rubor de alegria na face das coisas, do que vem, instante a instante, preencher em nós um ciclo de indeléveis emoções fluviais.

BETTENCOURT PINTO Eduardo. *Um Dia Qualquer em Junho*, Instituto Camões, 2000.

Travail à faire par le candidat

I. ÉTUDE DU TEXTE

1. Analise o olhar do narrador sobre o senhor Celestino.
2. Estude e comente a maneira como é caracterizado o automóvel.
3. Apresente a relação que une o narrador à Cacilda.
4. Comente o humor presente no texto.

II. ESSAI

"A sua relevância tinha a ver com o entusiasmo de uma idade em que o mundo é um voo de instâncias impolutas, e os dias, na sua mais elementar insignificância, têm o poder de nos elevar por dentro, fazer de nós parte de um universo mágico e apoteótico." (linha 65)

Haverá na infância momentos ou encontros que possam marcar a nossa vida? Apresente a sua opinião numa composição cuidada e ilustrada com exemplos.

III. TRADUCTION

Passe para o francês o trecho de *"Tudo começou com uma espreitadela ..."* (linha 6) até *"Como tentar adquirir um Rolls-Royce com 5 escudos..."* (linha 18)